O PAPEL DA MULHER NO SÉCULO XXI E O CURRÍCULO NO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

Ariana Braga Campinho Silva Barros[1]
Elis Renata da Silva Patrício[2]

RESUMO: Ao versar sobre currículo e processo de aprendizagem torna-se necessário abordar as condições sociais e culturais da clientela em questão. Para Santomé (2012), o sistema escolar precisa ser local de resistência e denúncia, educar para viver num mundo da complexidade e das incertezas. Nosso objetivo foi conhecer de que maneira os direitos humanos, relativos ao papel da mulher na sociedade do século XXI são abordados no currículo do Ensino Fundamental – anos finais. A Escola Municipal em Petrolina/PE, fundada em 1994, tem um diferencial no currículo, a existência de uma Roda Feminina desenvolvida pelas estudantes do 9º ano com apoio de uma professora de ciências, a ideia surgiu a partir de uma aula de Direitos Humanos. A teoria pós-critica discute como os processos discursivos de significação tentam fixar determinada identidade sexual. Isto é, o currículo está submerso das relações de poder estabelecidas pelo etnocentrismo e, com relação ao papel da mulher e outros temas até então intocáveis. (Silva, 2010). Sabe-se que atualmente, ou sempre na história, perpetuou-se um discurso tendente à valorização masculina, desconsiderando a presença e o papel da mulher na sociedade. É preciso desmistificar a ideia de que estudar o feminismo é incentivar crianças e adolescentes à homossexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Currículo. Roda Feminina.

INTRODUÇÃO

A história da teoria do currículo inicia com Bobbit (1918), nos Estados Unidos, em que baseado em duas tendências buscava tornar o sistema educacional ao sistema industrial com o modelo organizacional e administrativo de Taylor. Encontrou apoio nos estudos de Ralph Tyler e John Dewey. O primeiro baseava-se na ideia de organização e desenvolvimento curricular e o segundo numa postura progressista da construção dos conhecimentos, concebendo assim a teoria tradicional do currículo.

[1] Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina-PE e Professora da Educação Básica.
[2] Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina-PE e Professora da Educação Básica.

Na década de 1960, às concepções tradicionais e técnicas do currículo foram criticadas e as teorias críticas fizeram uma inversão nos fundamentos das teorias tradicionais. Em 1970, surgem duas tendências críticas do currículo uma baseada no marxismo e a outra na fenomenologia e hermenêutica. A primeira preocupa-se com as estruturas econômicas e políticas da reprodução social e a outra com relação aos significados subjetivos dados às experiências pedagógicas e curriculares. "A teoria crítica tem a contribuição de Michael Apple construiu uma perspectiva de análise do currículo que incluísse as mediações, as contradições e ambiguidades do processo de reprodução cultural e social" (Silva, 2010, p. 48). Já Henry Giroux, fala numa "pedagogia da possibilidade" (Silva, 2010, p. 53) que supere as teorias de reprodução. Compreende o currículo a partir dos conceitos de emancipação e liberdade, já que vê a pedagogia e o currículo como um campo cultural de lutas. A teoria de Paulo Freire faz uma crítica ao currículo sintetizado à educação bancária, vê o ato pedagógico como ato dialógico entre educadores e educandos na escolha dos conteúdos e na construção do currículo.

Nas teorias críticas surge Bernstein que distingue no currículo tipo coleção "as áreas e campos de saber são mantidos fortemente isolados" (Silva, 2010, p. 72); no integrado "as distinções entre as áreas de saber são muito menos nítidas e muito menos marcadas" (Silva, 2010, p. 72). O currículo oculto "constitui-se daqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial explícito, contribui de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes" (Silva, 2010, p. 78).

O currículo pós-crítico traz à tona o multiculturalismo, as questões de gênero, raça e etnia abordadas de forma significativa e problematizadas dentro do currículo. Após o estudo, torna-se impossível conceber o currículo de forma ingênua e desvinculado de relações sociais de poder.

Dessa forma, houve a necessidade de analisar como a teoria é aplicada na prática, e compreendermos o papel da mulher e de que forma está fundamentado nas teorias do currículo pós-crítico, uma vez que o ambiente em que se realizará o projeto será uma Escola Municipal de Ensino Fundamental – anos finais. Sabemos que

problematizar esse conceito envolve também outros conceitos como poder, classe dominante e dominada, opressão, liberdade, direitos e deveres, machismo, patriarcado, feminicídio, misoginia e gênero.

O homem é produto da sociedade da qual ele faz parte, seus hábitos e costumes são moldados de acordo com as experiências vividas. Dessa forma, vale ressaltar que a escola precisa estar atenta às necessidades da clientela a qual ela está inserida, buscando contextualizar através do currículo os temas necessários para a formação do ser humano de forma integral e não apenas no viés da aprendizagem de conteúdos disciplinares.

METODOLOGIA

Nossa pergunta de partida surgiu do seguinte questionamento: De que maneira são trabalhados os conteúdos que tratam dos direitos humanos, relativos ao papel da mulher na sociedade do século XXI no currículo do Ensino Fundamental – anos finais?

O projeto configura-se como uma pesquisa-ação, e traz como produto final a produção de um documentário.

> É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (TRIPP, 2005 p.1)

A pesquisa-ação socialmente crítica busca mudança de pensamento a respeito das políticas das limitações, de uma determinada situação. Esse tipo de pesquisa segundo a literatura atual é um meio utilizado por pesquisadores preocupados com as desigualdades sociais, oportunidades, necessidades e valorização das pessoas. A pesquisa-ação socialmente crítica surge quando considera que o sistema dominante vigente na sociedade é injusto e precisa mudá-lo.

Sendo assim, TRIPP (2005, p.16) dialoga com a nossa pesquisa-ação e faz a seguinte afirmação: “Porém, pode-se contestar que tais pressupostos e práticas, com

base nas interações de gênero, de fato não dão a meninos e meninas oportunidades iguais de êxito e, ao contestar essa prática, está-se criticando a maneira pela qual o sistema opera injustamente".

De acordo com os objetivos estabelecidos realizou-se uma conversa informal com as meninas estudantes que fazem acontecer mensalmente à roda feminina, com as professoras e professores envolvidos direta e indiretamente, em seguida analisamos a proposta pedagógica e o regimento da Instituição Educacional.

Foram concedidas entrevistas com a coordenação do projeto e com as professoras e professores da escola. Participamos de uma roda de conversa, abordando a história das lutas femininas e a construção social do o papel da mulher na sociedade do século XXI e como o currículo escolar pode ou não contribuir com todo esse processo de discussão e construção do tema em pauta.

A pesquisa-ação foi realizada em uma Escola Municipal da cidade pernambucana, Petrolina, fundada em 1994. A instituição educacional atende do 1ª ao 9º ano do Ensino Fundamental. Os participantes foram três professoras e dois professores, as estudantes que realizam a Roda Feminina e as três estudantes de Mestrado.

RESULTADOS

No campo educacional ao versar sobre currículo e processo de aprendizagem torna-se necessário abordar sobre as condições sociais e culturais dos envolvidos, bem como as necessidades da clientela em questão. Para Santomé (2012), o sistema escolar, no que diz respeito ao trabalho de professoras e professores precisa ser local de resistência e denúncia, educar para viver num mundo da complexidade e das incertezas.

A Instituição Escolar pesquisada atende crianças e adolescentes do Ensino Fundamental anos iniciais e finais, bem como Educação de Jovens e Adultos (EJA). Funciona nos turnos manhã, tarde e noite, com uma clientela de 1.385 estudantes, 01 gestor, 01 vice-gestor, 04 coordenadoras pedagógicas, 01 secretário escolar, 44 professores, 12 auxiliares de autista, 13 profissionais na limpeza e cozinha, 07



funcionários na secretaria, 02 na biblioteca e 15 estagiários do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) dos cursos de Pedagogia e Educação Física.

A partir de inquietações sobre como se estabelecem as relações entre teoria e prática do currículo escolar buscou-se conhecer no Ensino Fundamental – anos finais com funciona essa integração do currículo. Tomou-se conhecimento de que na escola acima descrita havia um diferencial no seu currículo, caminhando para a teoria pós-crítica, a existência de uma Roda Feminina desenvolvida pelas estudantes do 9º ano com apoio de uma professora de ciências e que a ideia surgiu a partir de uma aula de Direitos Humanos.

A teoria pós-critica vem e "radicaliza o questionamento da estabilidade da fixidez da identidade feito pela teoria feminista recente" (SILVA, 2010, p. 105). Discute a forma como os processos discursivos de significação tentam fixar determinada identidade sexual. Isto é, o currículo está submerso das relações de poder estabelecidas pelo etnocentrismo e, com relação ao papel da mulher e outros temas até então intocáveis, a teoria pós-crítica questiona e amplia o que a modernidade nos deixou de herança. (Silva, 2010)

Nosso objetivo então foi conhecer de que maneira são trabalhados os conteúdos que tratam dos direitos humanos, relativos ao papel da mulher na sociedade do século XXI por meio do currículo do Ensino Fundamental – anos finais. Assim, reforça a nossa ideia as palavras de Santomé (2012, p.281)

> Um dos motores do meu trabalho é que quero que as crianças possam entender o mundo no qual vivem e do qual fazem parte; que a escola lhes aporte explicações, mas ao mesmo tempo as dote de otimismo diante das possibilidades de transformar essas realidades tão injustas. As crianças precisam entender por que há famílias tão desfavorecidas no mundo e, simultaneamente, aprender que o ser humano tem também em suas mãos as possibilidades de construir outro mundo mais justo, democrático e solidário; que é possível outro mundo.

Do mesmo modo, sabe-se que atualmente, ou sempre na história, perpetuou-se um discurso tendente à valorização masculina, desconsiderando a presença e o papel da

mulher na sociedade, sendo a escola, com afirma Bourdieu (2015) reprodutora de toda desigualdade social, mesmo que seu discurso seja contrário. Atitude essa que, para Silva (2010), traduz-se no currículo oculto. Para o autor, "o currículo oculto, conceito fundamental na teoria do currículo, constitui-se daqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial explícito, contribui de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes" (SILVA,2010 p. 78).

A Roda Feminina tomou força para tornar–se integração do currículo vigente, quando os trabalhos expostos da aula de Direitos Humanos, os quais falavam sobre feminismo, foram rasgados por meninas de outras turmas. No início eram duas estudantes que, ao ver referida atitude, perceberam a necessidade de desenvolver a capacidade de afirmação e aceitação de outras meninas e mostrá-las que o papel da mulher na sociedade atual é combater todas as formas de preconceito.

A indignação bateu à porta da aula de Ciências, e essas duas estudantes pediram o apoio da professora. Marcaram no contra turno um encontro para que pudessem apresentar suas ideias à referida docente. Após esse encontro montaram um roteiro dos temas que precisavam estudar e partiram para mobilizar outras estudantes.

Em seguida iniciaram com reuniões mensais, com apenas três estudantes e a professora de ciências. Por meio de parcerias, conseguiram uma palestra para as meninas do 8º, 9º e 4ª fase do EJA, vespertino, através da Vara da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, do Tribunal de Justiça de Pernambuco.

A partir desse momento, começaram a mobilizar toda a escola com atividades que mostrassem a importância das mulheres e que estavam no ambiente escolar exposto em maioria. Criaram a caixinha dos elogios para as estudantes, docentes e funcionárias em geral de toda escola, fazendo com que as mulheres da escola sentissem na pele o prazer de receber elogios e fortalecer os vínculos dentro da Instituição.

As três estudantes pioneiras começaram, então, a entrar nas salas de aulas e convidar as meninas para se integrarem a elas nos encontros mensais. Outras escolas tomaram conhecimento da existência da Roda Feminina e convidaram-nas para realizar encontros nas instituições municipais e estaduais

De duas estudantes ampliou-se para quatro à frente dos trabalhos desenvolvidos na Roda Feminina. Em um planejamento da Escola apresentaram para todas as suas professoras e professores como surgiu, o objetivo, e solicitaram que o projeto de trabalho da Roda Feminina integrasse ao Projeto Político Pedagógico da escola.

A Roda Feminina atualmente acontece com encontros mensais fixos com a participação de estudantes do 6º ao 9º ano e envolvimento das funcionárias e professoras da escola, com estudos e, ao mesmo tempo, reuniões, para tratarem dos temas que necessitam ser vivenciados na Roda a partir de uma enquete que elaboraram e aplicaram durante uma sessão de atividades.

Para Macedo (2006), falar em direitos humanos é articular, principalmente, direitos de igualdade e desigualdade no cenário mundial e brasileiro atual. Numa visão dialética, atualmente, não podemos falar em igualdade sem incluir a diferença, bem como que ao admitir a diferença não posso deixar de lutar pela afirmação da igualdade. A questão não é anular uma em detrimento de outra. Diferença e igualdade não são opostas.

Foi perceptível durante as entrevistas com as estudantes as quais falaram porque iniciaram um discurso único que justifica a criação da Roda Feminina. Macedo (2006) fundamenta o discurso das estudantes "O que queremos é, ao mesmo tempo, negar a padronização e lutar contra todas as formas de desigualdade presentes na nossa sociedade."

Nesse contexto, os professores e professoras entrevistados também abordaram a importância da Roda Feminina no currículo da escola e na vida das mulheres do século XXI. Como dizia Paulo Freire (1996) só podemos falar em igualdade na educação quando politizarmos e humanizarmos nossas crianças e adolescentes. Eles precisam estar cientes do que são capazes e das possibilidades de fracassar. Nós, professoras e professores, precisamos reinventar nossas práticas, nossas metodologias e sistema de avaliação para promovermos as reflexões críticas e ensinar a trabalhar coletivamente.

É necessário, em especial as escolas de educação básica, discutir e colocar em prática um currículo integrador através da reflexão pedagógica sobre interdisciplinaridade, reorganizando a metodologia de estudo e pesquisa, ter profissionais capazes de se perceberem e fazerem esse exercício de tomada de consciência sobre a presença do homem no mundo de forma integral além das repartições disciplinares.

Sendo assim, o currículo pós-crítico (Silva, 2010) traz à tona o multiculturalismo, as questões de gênero, raça e etnia abordadas de forma significativa e problematizadas dentro do currículo. Após o estudo torna-se impossível conceber o currículo de forma ingênua e desvinculado de relações sociais de poder, machismo e misoginia.

Dessa forma, concluímos o nosso documentário relatando a existência desse Projeto Roda Feminina na Escola Municipal, fundada em 1994 e a sua relação com as competências e habilidades expostas pela a teoria do currículo principalmente a formação e integral e holística do ser humano.

É preciso desmistificar a ideia de que falar, estudar ou defender o feminismo é incentivar crianças e adolescentes à homossexualidade. Ideia tão disseminada de forma errônea pelo neoliberalismo e o neoconservadorismo. Como afirma Macedo (2006) o que são direitos humanos "processos em que se trabalhe, no nível pessoal e social, ético e político, cognitivo e celebrativo, o desenvolvimento da consciência de dignidade de cada um." Com efeito, Silva (2010, p.25) aponta:

> a organização do currículo e o desenvolvimento deve buscar responder de acordo com Tyler, quatro questões básicas: objetivos educacionais, experiências educacionais com propósitos de atingir os objetivos; como organizar as experiências educacionais e a certeza que esses objetivos estão sendo alcançados.

Essa pesquisa-ação possibilitou entender como as escolas públicas de ensino fundamental estão trabalhando seus currículos, se existe de fato a interdisciplinaridade e ou as práticas integradoras do currículo e se o que vivenciamos na teoria dentro da Universidade está chegando às escolas e se concretizando ou não na prática.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. **Práticas inovadoras na Formação de Professores**. Campinas, SP: Papirus, 2016.

BOURDIEU, P. **A escola conservadora:** As desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs). Escritos de Educação. 16ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

FERRAÇO, C. E. (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FLORES, M. A., MOREIRA, M. A. E OLIVEIRA, L. R. **Desafios curriculares e pedagógicos na formação de professores**. Portugal: Edições Pedagogo LDA, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

GARCIA R.L. MOREIRA A.F.B (Organizadores) **Currículo na Contemporaneidade.** 4ª.ed. São Paulo: Cortez 2012.

MACEDO, E. (Organizadora). **Políticas de currículo em múltiplos conceitos.** São Paulo, SP: Gomes, 2006

MACEDO, R. S. **Currículo:** Campo, conceito e pesquisa. 7ª. ed. Atualizada. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

MOREIRA, A. F. e CANDAU, V. M. **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2014.

PERONI, V. M. V.; CAETANO, M. R. e ARELARO, L. R. G. **BNCC:** disputa pela qualidade ou submissão da educação? RBPAE - v. 35, n. 1, p. 035 - 056, jan./abr. 2019.

SILVA, S. K.; DELBONI, T. M. Z. G. F. **Currículos**: Problematização em práticas e políticas. Revista Teias v. 13 • n. 27 • 279-286 • jan./abr. 2012

SILVA. T. T. da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3ª. ed. - 1ª. reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C. (Orgs.). **O ofício de professor:** história, perspectivas e internacionais. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.